

O Homem e o Mar: Evanescências

The Man and the Sea: Evanescence



Teócrito Abritta ¹

ID Lattes: 0189763273643386

<https://orcid.org/0009-0002-8011-3672>

teoabritta@gmail.com

¹ - Teócrito Abritta é Físico e Escritor. Mestre e Doutor em Física, foi Professor no Instituto de Física da UFRJ, desenvolvendo pesquisas em Propriedades Ópticas dos Materiais, Instrumentação Óptica e Física da Matéria Condensada.

Resumo: Neste ensaio faço uma ode aos homens que trabalham e sobrevivem neste imenso litoral brasileiro, desde tempos remotos até os nossos dias. Avivo suas antigas embarcações e lendas, como jangadas, canoas escavadas em um único tronco de madeira e seus modos de viver. Para tal, a par de registros fotográficos, converso com as populações locais, colhendo seus testemunhos, onde externam suas dificuldades e soluções para enfrentar a dita modernidade, como a destruição ambiental.

Palavras-chave: pescadores, cultura, lendas e meio ambiente.

Abstract: *In this essay I make an ode to the men who work and survive on this immense Brazilian coast, from ancient times to the present day. I relive their ancient vessels and legends, such as rafts, canoes carved from a single wooden trunk and their ways of living. To this end, alongside photographic records, I talk to local populations, collecting their testimonies, where they express their difficulties and solutions to face so-called modernity and environmental destruction.*

Keywords: *fishermen, culture, legends and environment.*

Solitárias, lá estavam aqueles restos de jangadas de troncos de Apeíba, o Pau-de-Jangada, nas praias baianas de Imbassaí. Deitadas no banco de areia, entre a barra do rio e o azul do mar, teimavam em não virar pó. Hoje são construídas de compensado naval e recheadas de isopor. E as velas latinas de algodãozinho, a língua branca dos indígenas, a asa branca dos poetas? Agora coloridas com estampas: Banco do Brasil, Caixa Econômica...

Na Grécia Clássica os mortos eram sepultados de forma ritual, criando-se uma réplica do falecido em forma de um corpo insubstancial chamado Êidolon. Para aqueles que morriam longe da pátria, dos parentes ou quando o corpo não era encontrado, construía-se um túmulo vazio com uma estátua ao lado, o Kolossós. Este colosso, como o próprio morto, é um duplo do vivo, atraindo a Psiquê vagante transformando o morto em Êidolon.

Em certo sentido a fotografia funciona como um duplo do fotografado, um singelo Kolossós em papel. Por outro lado, a sua deterioração física lembra-nos não só da transitoriedade da vida, como da fragilidade e constante transformação do mundo material. Uma foto antiga, mesmo deteriorada e de baixa qualidade em sua concepção, sempre será considerada uma preciosidade ou obra de arte, pois é vista como um registro arqueológico, uma ruína que sobreviveu a uma deterioração temporal. O brilho congelado de mundos em extinção.

Certa feita, viajávamos num pequeno barco, para a Praia dos Carneiros em Pernambuco. O mar mudou num repente. O risco era grande com o Terral soprando forte. Caiu pesada cerração. Na quase escuridão da bruma, a imagem esmaecida de uma embarcação se delineava. Nos aproximamos da pequena jangada, vela arriada, mastro caído, um estranho jangadeiro tentando dar rumo ao ximbelo, com um remo de governo já quebrado, emendado com madeira apodrecida. Impassível, não respondia nossos acenos em meio a tantas dificuldades que passava.

O nosso barqueiro benzia-se, rezava e falava apavorado:

“Esta nunca vai encalhar! É coisa do outro mundo! Afogado quando o corpo não dá na praia, fica alma penada, A alma vaga pelo mar, só tendo paz na procissão silenciosa dos afogados, na noite do dia de Finados, dois de novembro!”

A chuva, o vento forte, o balanço do barco e a pesada cerração dificultavam uma fotografia. Não conseguia uma boa focalização. Bati rapidamente várias fotos com diferentes distâncias focais, protegendo a lente com o chapéu, antes que a imagem desaparecesse como por encanto.

Assombração ou não, a foto era real. Selecionei a fotografia mais nítida. Com um tratamento digital consegui penetrar na bruma, olhando a dura face do jangadeiro misterioso.

Picinguaba fica a meio caminho entre Paraty e Ubatuba. O nome vem do Tupi-Guarani, significando refúgio de peixes. A vila é habitada desde o século dezenove e tombada, escapando da especulação imobiliária.

Até a década de trinta, a região foi um importante ponto da pesca de sardinha. Hoje elas sumiram, mas graças à Universidade Federal de Santa Catarina, agora é um grande polo de fazendas de criação de vieiras e mariscos.

Por aqui todos se orgulham de sua origem caiçara, mas pouco sabem de seu passado. São jovens pescadores globalizados: bermudas e camisas coloridas, sandálias havaianas, óculos escuros, bonés de rappers. Navegam em modernos barcos de alumínio e possantes motores. Entretanto, demonstram grande carinho pelas dezenas de canoas coloridas que repousam majestosas pelas praias.

“Esta vem dos tempos do meu avô”. “Meu pai pescava com ela, mas prefiro o barco de alumínio — mais leve”.

Quando, pela última vez, grossos troncos de guapurubu, ingá e ingá-siriúba foram arrasados para a praia e escavados lentamente com enxó? Será que num passado distante chegaram a ser escavadas com ferramentas de pedra, como mostram os amoladores-polidores encontrados nas praias de Santa Catarina, Ilha Grande e Arraial do Cabo no Rio? Há uns três mil anos o Homem já fazia suas ferramentas graníticas, picotando rochas de modo a formar reentrâncias para depois com areia e água doce polir em forma de cuias ou frisos. Estas eram as oficinas líticas onde machados, facas e gumes eram feitos: os amoladores-polidores que procurava por aqui.

Dia de partir. Última visão da praia, da vila, da Pedra do Cabo — enorme bloco granítico, repousando nas areias, lambido por um curso de água doce que descia das matas. Local ideal para uma oficina lítica.

Um olhar mais atento, mostrou, no refluxo das ondas, as marcas em uma pequena rocha quase enterrada nas areias: muitos frisos curtos e pouco profundos.

Fechei os olhos e imaginei o nível das águas mais baixo, grupos trabalhando na praia — uns polindo machados e enxós de pedra, outros encavando troncos que tomavam forma de canoas...

No Saco do Céu, que é uma pequena baía na Ilha Grande, Rio de Janeiro,

as águas são transparentes e não poluídas, permitindo focalizar-se uma estrela do mar a uns 80 cm da superfície, bem como propiciando a sobrevivência destes maravilhosos seres.

Faço votos de que a pequena comunidade de pescadores que habitam esta baía continue preservando-a, bem como a Ciência encontre soluções para os lugares degradados e que a cultura destes Homens do Mar evolua com apoio dos conhecimentos científicos, preservando a história de suas práticas.

Referências

1 — Câmara Cascudo, Luís da. Jangadeiros — Ministério da Agricultura, Serviço de Informação Agrícola, Rio de Janeiro-RJ, 1957.

2 — Abritta, Teócrita. Memória, História e Imaginação — Oficina do Livro Editora, Rio de Janeiro-RJ, 2010.

3 — Abritta, Teócrita. Cidades de Memórias — Oficina do Livro Editora, Rio de Janeiro-RJ, 2011.

4 — Abritta, Teócrita. Os Meus Papéis — Oficina do Livro Editora, Rio de Janeiro-RJ, 2013.

5 — Abritta, Teócrita. Jequitinhonha — Scortecci Editora, São Paulo-SP, 2016.

6 — Ver também o Blog Tapetum Lucidum.













